

# Fado da mal-amada

■■■ A poucos passos de se embandeirar em Capital da Cultura, Lisboa repensa a paisagem. Alguns urbanistas de boa vontade elegem Cas-siano Branco «arquitecto da cidade», apesar do Portugal dos Pequeninos e doutras obras de regime que ele deixou por aí. Ao mesmo tempo a maré das recuperações *post mortem* começa a cobrir de água benta a escultura fascista de Leopoldo de Almeida e não tardará muito que não haja quem lhe chame «escultor maldito» do Estado Novo. Realmente num salazarismo onde nunca houve ditadura (segundo Franco Nogueira) só por calúnia é que se diz que por lá tivesse havido alguma vez arte oficial ou oficiosa. Adiante.

Mas enquanto que a paisagem é comemorada e discutida, da voz da cidade nada se diz. Ninguém se preocupa em redescobrir e celebrar a poesia e a prosa que lhe estão inscritas nem nenhum linguista, que eu saiba, se propôs averiguar a semântica do lisboeta, os seus caprichos vocabulares ou as incidências expletivas que a tomam

singular. E no entanto há uma sintaxe lisboeta, toda a gente sabe. E há uma acidez natural a comandar a voz, que não é trejeito ou arruaça mas um travo, um eco, dos esquecidos pregões de rua.

Um travo assim tão íntimo e tão imperioso não se vende em cassetes de lisbonês nem em castiço do Parque Mayer. Também não é no reguilas que coça o folclore dos testículos à esquina do Intendente que ele se pode encontrar. Não. Este travo é a cor da voz duma cidade. Sentimo-lo nas entrelinhas de **O Que Diz Molero**, de Dinis Machado, e no Alexandre O'Neill que remanchou Lisboa com afagos de unha travessa desde a Avenida da Liberdade ao Beco da Mal-Amada.

Isto para não falar já do fado porque foi esse o sal que lhe marcou o acento desde Marceneiro a Carlos do Carmo. O fado, exactamente. Esse tom e esse gosto de Lisboa que os programadores da Cidade da Cultura não registam nem sabem repensar.

*José Cardoso Pires*



## A MOSCA